

# INDIGENISMO DE SOTAINA: PARALELOS E DISSENSOS DOS PROJETOS DE EVANGELIZAÇÃO ENTRE DOMINICANOS E JESUÍTAS NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO AMERICANA

*POTENTIAL INDIGENISM:  
PARALLELS AND DISSENSSES OF EVANGELIZATION PROJECTS  
BETWEEN DOMINICANS AND JESUITES IN THE BEGINNING OF  
AMERICAN COLONIZATION*

**Cleber Junio Lima Fernandes<sup>1</sup>**

Mestrando em Filosofia

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é encontrar pontos de concordância e discordância entre os projetos dos principais agentes da evangelização espanhola e portuguesa dos povos nativos da América, os Dominicanos e os Jesuítas, através de seus primeiros representantes, Bartolomeu de Las Casas e Manoel da Nóbrega. São analisados e comparados os textos escritos por ambos os missionários, focando os primeiros anos de suas empreitadas, comparando e contextualizando suas falas e suas atividades, buscando observar o horizonte conceitual de cada um.

**Abstract:** The objective of this work is to find points of agreement and disagreement between the projects of the main agents of Spanish and Portuguese evangelization of the native peoples of America, the Dominicans and the Jesuits through their first representatives, Bartolomeu de Las Casas and Manoel da Nóbrega. The texts written by both missionaries are analyzed and compared, focusing on the first years of their endeavors, comparing and contextualizing their statements and activities, seeking the conceptual horizon of each one. It is intended to bring back their projects to give new

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: cleb.fernandes@hotmail.com

Pretende-se trazer de volta seus projetos para dar novo vigor ao debate sobre as relações e a convivência entre os diferentes povos na América.

**Palavras-chave:** Indigenismo; **Keywords:** Indigenism; Bartolomé de Las Casa; Manoel da Las Casas; Manoel da Nóbrega Nóbrega

O cenário da expansão marítima ibérica, nos séculos XV e XVI, traz em si um caldo cultural completamente conturbado pelas mudanças que se instalaram na Europa. A Renascença e o Humanismo causaram um grande rebuliço na formatação do pensamento eclesiástico sobre o ser humano, sobre a sociedade e sobre Deus. Mas, sem dúvida, a divulgação das teses de Martinho Lutero<sup>2</sup> e o pulular de ideais chamados pela Igreja como heréticos daí partidos criaram uma profunda cisão na Cristandade e foram responsáveis pela convulsão que se instaurou sobre o pensamento político-social da Igreja. Também, com a expansão do Império Otomano sobre os Bálcãs e o norte da África, dominando as rotas comerciais entre os continentes, o comércio das potências italianas de Gênova e Veneza tornou-se mais caro e mais penoso.

Como potência naval que despontava no início do séc. XIV, Portugal encontrou oportunidade para fazer tal intermediação comercial entre esses polos de produção e consumo e, mais tarde, a Espanha também o fez. Esse autolançar-se sobre os oceanos fez voltar os olhos do velho mundo às terras além-mar; A descoberta de novos povos tornou-se um grande contrassenso à toda cosmologia europeia da Cristandade: eles não estavam descritos nas Sagradas Escrituras, pelo menos não explicitamente.

O movimento histórico de expansão comercial tornou-se uma marcha inevitável e enfrentar esta nova realidade levou à adoção da Expansão como uma

---

<sup>2</sup> Martinho Lutero (1482-1546), frade agostiniano, se tornou a figura central da Reforma Protestante a partir da apresentação de suas 95 teses contrárias às doutrinas da Igreja Católica. Dentre as principais, está a contestação da ação humana para a própria salvação, a relação com as sagradas Escrituras e a autoridade do primado papal sobre a interpretação da Bíblia, o povo cristão e os reis. O processo desencadeado por ele resultou em mudanças profundas na Europa e, conseqüentemente, sobre todo o resto do mundo que era influenciado por ela. Para conhecer mais sobre ele e as mudanças que vieram em função de sua atuação, ver a obra de Charles Taylor. (TAYLOR, 2010)

política de Estado, porque tudo estava por debaixo do manto real. Logo, como poderiam encarar estes povos? Seriam eles humanos ou não? A dominação dos novos territórios era necessária para o usufruto dos bens que ali existiam como produtos comerciais; os nativos eram vistos, de certo modo, como um empecilho para este projeto.

As aventuras ibéricas precisavam dar retornos financeiros e, portanto, era necessário instalar os súditos das Coroas nas terras americanas. O caso da América castelhana foi marcado pela brutal espoliação e massacre dos povos nativos por parte dos espanhóis sob o título de "conquista".<sup>3</sup> O caso da América Lusitana foi marcado pelo avanço mais brando da espoliação e dos assassinatos. Apesar dos inúmeros horrores praticados pelos agentes colonizadores em virtude da "marcha da civilização", vozes surgiram em defesa das populações nativas das Américas com diversos matizes de intensidade.

Este trabalho pretende analisar os projetos evangelização de Frei Bartolomeu e pe. Manoel da Nóbrega, SJ, principais nomes do evangelismo nas Américas, e suas abordagens acerca da natureza dos povos americanos. Tal trabalho comparativo não pretende escolher um ou outro, mas encontrar similitudes e originalidades. Ademais, outro nome muito importante é o de pe. Antônio Vieira, SJ, mas optou-se por não trabalhar suas ideias aqui, já que ele representa uma segunda fase no trabalho jesuíta nas colônias lusitanas; posteriormente tal trabalho poderá ser realizado.

### **A escola de Salamanca e o aristotelismo revisitado**

Em Salamanca, a Universidade havia tomado rumos diferentes dos que haviam tomado as outras, como as italianas, já que fazia surgir a chamada Segunda Escolástica, enquanto as outras passariam a pensar segundo o humanismo italiano. Essa releitura tomista do mundo, encabeçada por Francisco de Vitória, deu as bases para o surgimento da defesa dos indígenas na questão do enquadramento destes

---

<sup>3</sup> O termo "conquista" utilizado pela Coroa castelhana foi posteriormente trocado após a instituição das *Leyes Nuevas*, passando a ser utilizado o termo "colonização".

pela Igreja. Seriam eles humanos ou não? Sendo humanos, seriam eles gentios<sup>4</sup> ou infiéis? Quais os direitos dos colonizadores sobre os indígenas? Segundo Silva (SILVA, 2013, p. 82), o levantamento de tais questões foi fortemente propiciado pela requisição de teorias por parte das Coroas ibéricas para tentar harmonizar o choque de culturas. Josaphat sintetiza a prática de Salamanca:

Deixando de lado as construções teóricas e abstratas, os nominalistas [os seguidores de Vitória] privilegiavam o lado concreto dos problemas teológicos e mesmo filosóficos, dando maior valor ao direito, à história e à experiência. Nisso irão ao encontro do surto científico e técnico que caracterizará mais a aurora do mundo moderno. (JOSAPHAT, 2000, p. 254)

Para os seguidores de tal tradição, como Las Casas, os indígenas estavam em um estado de gentilidade. Para eles o índio tinha plena humanidade, já que era dotado das faculdades da alma, previstas por Agostinho: memória, inteligência e vontade e, por este motivo, tinha pleno direito de que a "mensagem da salvação" se lhes chegasse. Portanto, toda a argumentação em favor da escravização e domínio destas populações era inaceitável.

Las Casas e Nóbrega compartilham a ideia de que a humanidade pertencia também aos indígenas, contudo, parece a Nóbrega que os indígenas estão em um estado de infância da humanidade, posto que "em cousa nenhuma creem e estão papel branco para neles escrever à vontade" (NÓBREGA, 1988, p. 125),<sup>5</sup> sendo dever dos missionários levar-lhes a civilização, enquanto que, para Las Casas, os indígenas detinham a maturidade intelectual, mas precisavam de longos contatos, como o que ocorreu no caso de Vera Paz.<sup>6</sup> No imaginário jesuíta o indígena não é o outro, como

---

<sup>4</sup> Os termos "gentio" e "infiel" se referem à denominação moderna empregada pela Igreja e pela Coroa castelhana, diferenciando aqueles que nunca ouviram sobre Cristo e aqueles que já tiveram contato e o rejeitaram, ou seja, diferenciam os muçulmanos e judeus dos outros pagãos.

<sup>5</sup> Optou-se por adotar a forma escrita em NÓBREGA, SJ, Manoel da. **Cartas do Brasil: 1549-1560**. Coleção Reconquistando o Brasil. Série 2ª. v. 147. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda. 1988.

<sup>6</sup> Com o apoio de Carlos I, o governador Alonso Maldonado e do bispo de Guatemala, Las Casas teve oportunidade de empreender seu projeto de evangelização da chamada de "Terra de Guerra" sem o uso de violência física. Por meio de um longo diálogo com os líderes da etnia, logrou a presença exclusiva dos dominicanos naquela região, impedindo que a prática da *encomienda* fosse proibida ao passo que os indígenas pagassem tributos ao Rei. O sucesso dessa experiência resultou na mudança do nome do local para "Vera Paz" e a nomeação de Las Casas para o bispado de Chiapas, vizinha a essa região.

o mas o si (enquanto parte da humanidade) que se desgarrou do rebanho de Cristo, devendo ser reconduzido à grei daquele que é o bom pastor.

Outros teólogos também pensaram sobre a questão, tendo Sepúlveda<sup>7</sup> como expoente, e que revisitaram o argumento de Aristóteles para justificar a escravidão, já que segundo o filósofo grego, algumas populações são naturalmente inferiores a outras, com tendência à servidão. Para Sepúlveda, inimigo político de Las Casas, a Coroa tinha plenos poderes sobre as terras colonizadas, posto que, sob o argumento aristotélico, a escravidão dos indígenas poderia ser feita segundo os moldes da “guerra justa”, precisando-se anunciar-lhes o Deus cristão antes de tudo. Entretanto, como relata Josaphat (2000, p. 251), a maneira de um “anúncio” feito pela leitura do Credo apostólico em latim em alta voz e a seguida obrigação ao Batismo mostram o absurdo da interpretação por parte dos missionários e colonizadores.

A junta de Valladolid, evento da disputa entre os dois teólogos, enfrentou a visão de Sepúlveda, defendendo que “são bárbaros incapazes de levar por si mesmos uma vida racional e digna. Realizam de maneira plena e perfeita a definição aristotélica do homem, escravo por natureza”. (JOSAPHAT, 2000, p. 141) Contudo, saiu vencedora a opositora visão lascasiana, que afirma que “todos os povos do mundo são homens, não homenzinhos, nem meio-homens” (SOUZA, 1994, p. 127). E vai mais além, conforme Itamar Souza traz:

É temerária, injusta e tirânica esta guerra que se declara aos infiéis da terceira categoria, isto é, nem sobre a Igreja, nem nunca ofenderam a Igreja, com o objetivo de que, submetidos ao império dos cristãos por meio da guerra, preparem seus ânimos para receber a fé ou a religião cristã.[...] Esta guerra é temerária porque se faz contra o direito natural, porque contraria o modo natural com que a Sabedoria divina move todos os seres criados, e principalmente contraria o modo que estabeleceu para mover e dirigir naturalmente a criatura racional para o bem. (SOUZA, 1994, p. 254)

Esse embate entre a escola de Salamanca e o ideal moderno aristotélico fez o papa Paulo III promulgar a bula *Sublimis Deus*, em 1532, proibindo a submissão e escravidão indígena, assim como outros povos gentios, sendo dever das Coroas a

---

<sup>7</sup> Frade dominicano, estudioso de Aristóteles e, posteriormente, bispo na Itália, foi opositor de Las Casas nos debates sobre a colonização da América. Também travou disputas com Erasmo de Roterdam por causa de suas teorias. A ele, o senso comum atribui as bases da teologia que sustenta a bula papal *Inter Coetera*, que permite a escravidão dos indígenas.

evangelização deles. Mesmo sob o regime do padroado, do qual era necessário que o Rei fizesse tal declaração, algo que não ocorreu. Segundo Souza (1994, p. 73), por meios escusos, os frades dominicanos fizeram tal carta chegar às colônias castelhanas. Isto não quer dizer que a prática escravagista cessou por causa da bula; os massacres continuavam e não foram menos sangrentos. As colônias portuguesas também parecem não ter visto grande efeito da bula, dado que a prática das bandeiras não cessou, além de ter sido aceita pela Companhia depois dos recorrentes assaltos aos engenhos.

### **Relação com o Estado e o mundo**

Nóbrega se põe sempre como fiel à Coroa portuguesa, mas não toma papel político nas defesas, pelo contrário, suas cartas são sempre plasmadas pela ânsia de apoio mais abundante por parte da Coroa para civilizar as terras além-mar: Não foge do papel de servidor e súdito do Estado e não parece ter preocupação quanto ao modelo do projeto empregado pela Coroa, mas foca somente no anúncio do Evangelho.

Como funcionário do Estado, pe. Manoel não hesita em várias de suas cartas pedir auxílio tanto ao Provincial da Ordem, assim como para o Rei. Inclusive, sua postura como funcionário retrata a ordem do padroado, demonstrando a união da Coroa à Igreja, dado que ele foi enviado para a colônia a fim de dirigir as ações missionárias e acompanhar o visitador real. Pede desde dinheiro, roupas, alfaias, até mulheres para os cristãos e mão escrava da Guiné. Contudo, não quer dizer que fora somente isto, mas como ator consciente do seu papel, pe. Manoel também não hesita em pedir auxílio da Coroa contra a violência dos colonos contra os índios Carijó, em S. Vicente, assim como insere-se no meio tupinambá para conseguir-lhes conversões.

Las Casas atua de maneira diferente, com mais incisão sobre a luta pelos indígenas, utilizando-se de seus dotes políticos para que as práticas abusivas fossem abandonadas. Não é à toa que frei Bartolomeu se empenhou em escrever a *Brevíssima Relación de la destrucción de las Indias*, denunciando as atrocidades empreendidas pelos espanhóis sobre aqueles povos; tal obra atingiu grande publicação e foi a principal ferramenta para expandir a discussão à população sobre

o modo de encarar os povos indígenas, influenciando fortemente Carlos III a promulgar as *Leyes Nuevas*, em 1542, inclusive motivando a reprimenda do Santo Ofício da Espanha sobre Zumárraga, Bispo do México, que havia assassinado um cacique sob o título da Inquisição.

A atuação de frei Bartolomeu lhe rendeu a nomeação para o bispado de Chiapas, título que lhe deu mais alçada para sua luta em favor dos indígenas. Contudo, sua luta exigia proximidade à burocracia e à Corte para que fosse ouvido: seu serviço em Chiapas foi curto, precisando renunciar a função a ele delegada.

### **Relação com os povos**

Las Casas rompe com o ideário de guerra justa pois compreende os indígenas como plenos de direito tanto quanto os cristãos. Isto significa que a evangelização deve ser pacífica e dada através do convencimento, como ocorreu quando da sua atuação da *Tierra de Guerras*, posteriormente renomeada como Vera Paz; para ele é inconcebível uma verdadeira conversão por meio dos batismos em massa, já que a fé é uma forma de assentimento do intelecto. Souza cita-o sobre a argumentação contra a guerra justa:

É temerária, injusta e tirânica esta guerra que se declara aos infiéis da terceira categoria, isto é, nem sobre a Igreja, nem nunca ofenderam a Igreja, com o objetivo de que, submetidos ao império dos cristãos por meio da guerra, preparem seus ânimos para receber a fé ou a religião cristã.[...] Esta guerra é temerária porque se faz contra o direito natural, porque contraria o modo natural com que a Sabedoria divina move todos os seres criados, e principalmente contraria o modo que estabeleceu para mover e dirigir naturalmente a criatura racional para o bem. (SOUZA, 1994, p. 69)

Note-se, portanto, que, para Las Casas, a evangelização deve vir antes de qualquer outra forma de contato entre colonizadores e indígenas. Sua ruptura com o código da conquista vai tão além desta defesa teórica, que o frade passa a negar o sacramento da Reconciliação àqueles colonos que não alforriassem os indígenas ou restituísse os prejudicados com bens móveis ou imóveis, impondo tal normativa à ação dos padres de Chiapas quando assume o bispado: um escândalo e uma afronta aos colonos que viviam uma espiritualidade barroca que se desligava da questão social.

Também as cartas de Nóbrega (1988, p. 133) não cessam de reclamar a falta de exemplo por parte dos cristãos, já que a liberalidade se instalara por falta de clero e, quando este havia, também não vivia de bons exemplos e este é o principal motivo para que a Coroa enviasse mulheres lusitanas para que fossem dadas em casamento aos cristãos daqui. Não era bem vista pelo padre a junção entre os homens cristãos com indígenas e negras, resultando muitas vezes em coabitações.

O problema destas coabitações entrava em choque com a mentalidade barroca sobre a frequência aos sacramentos, já que era um impedimento do homem cristão à Reconciliação, fazendo-o distanciar-se da fidelidade à moral cristã. Aos índios era espantoso o fervor dos mesmos quando eram batizados, inclusive na prática dos sacramentos (NÓBREGA. 1988, p. 164).

O trato da evangelização dos indígenas por pe. Manoel foi muito peculiar, segundo Neves (1978, p. 69), pois primeiramente foi pensada pelo método do convencimento por meio de ferramentas pedagógicas, ou seja, a pregação direta para os indígenas e sua conversão segundo o critério da razão, assim como a arregimentação de jovens homens para as escolas para aprender os Artigos de Fé e os conhecimentos da Civilização.

A primeira frente estava na evangelização *tête-à-tête*, com o uso fortemente marcado pela retórica e da teatralidade, a fim de conquistar para si os pajés das populações, pois os jesuítas identificavam uma divisão entre as lideranças indígenas: o chefe (poder político) e o pajé (poder do saber/fé/cultura). Sua tática era fazer o pajé ser desacreditado pelo seu povo, já que sua sabedoria era advinda de um conhecimento oculto, colocado por Satanás a fim de ludibriar os nativos. Nóbrega atesta em uma das suas primeiras cartas tal prática:

Procurei encontrar-me com um feiticeiro, o maior desta terra, ao qual chamavam para curar todas as enfermidades; e lhe perguntei em virtude de quem fazia elle estas cousas e se tinha comunicação com o Deus que creou o Ceu a Terra[...] respondeu-me com pouca vergonha que elle era Deus e tinha nascido Deus e apresentou-me um a quem havia dado a saude, e aquelle Deus dos céus era seu amigo e lhe aparecia frequentes vezes[...]Esforcei-me vendo tanta blasphemia em reunir toda a gente, gritando em altas vozes, mostrando-lhe o erro e contradizendo por grande espaço de tempo aquillo que ele tinha dito[...]Finalmente ficou elle confuso, e fiz que desdisse de quanto havia dito e emendasse a sua vida, e que eu pediria a Deus que lhe

perdoasse: e depois ele mesmo pediu que o baptizasse [sic].  
(NOBREGA, 1988, p. 95)

Porque estes métodos mais tarde não resultaram no cumprimento de suas expectativas, principalmente por causa da resistência dos Tamoyos, uma segunda etapa viu-se adotada: a guerra santa, nomeada por Neves como o Exemplo. A carta de 8 de maio de 1558 retrata a plenitude da segunda fase do projeto de evangelização: “Este gentio é de qualidade que não se que por bem, senão por temor e sujeição, como se tem experimentado e por isso S.A. os quer ver todos convertidos mande-os sujeitar”. (LEITE, 1940, p. 77) Isto não quer dizer que o padre entregou a população à mercê dos bandeirantes; pelo contrário, agora admitia o uso militar para fins de submissão e adesão à Civilização pela catequese.

Para ambos os missionários a terra americana era o Paraíso terrestre, à semelhança do Éden, mas esquecida de Deus, que havia abandonado o ensinamento divino e que deveria ser retornada a Seu domínio, o que também significava o domínio da Igreja.

Para Las Casas, estar com os indígenas foi o combustível para a obra *Apologética historia*, com seus dois tomos e longos 248 capítulos, iniciada em 1527, depois do frade haver-se encarcerado em seu convento, após a tragédia de *Cumaná*.<sup>8</sup> Nela, discorre principalmente ao longo dos 30 primeiros capítulos do primeiro volume, as novas terras e seus habitantes, através dos dados coletados, mas também foca nos elementos políticos econômicos e sociais dos grupos por ele analisados.

Contudo, como Hanke (1949, p. 7) afirma, devemos ser cautelosos acerca de seu escrito: “Aos defeitos e maus costumes dos indígenas nunca presta atenção, já que Las Casas confessa que seu propósito não é realçar estes elementos, senão em insistir sobre os aspectos favoráveis da vida destes pagãos”. Ainda assim, não se restringe e descreve algumas práticas “desagradáveis”, a fim de que não se imaginasse uma imagem idílica do cenário. O missionário não pretende uma análise

---

<sup>8</sup> Outra experiência de Las Casas, o território de Cumaná contou com a presença de colonos espanhóis. A chegada do frade junto aos indígenas foi difícil, acompanhado por outros dois frades. Instalada a proposta que previa a convivência entre colonos e indígenas iniciaram-se os conflitos entre os grupos, levando à dispersão dos colonos para outras terras, mortes de indígenas e seus dois companheiros religiosos.

científica, mesmo porque não havia possibilidade de surgimento desta mentalidade à época e seu objetivo era o convencimento acerca da humanidade destes indígenas.

Em *Historia de las Índias*, sua teoria é bem fundamentada na filosofia grega considera as sociedades indígenas através de uma leitura ao pé da letra da *Política* de Aristóteles e, segundo Hanke (1949, p. 84), há uma estrutura delas em seis condições: 1 – trabalhadores que cultivem o solo; 2 – artífices para fazer o trabalho necessário à comunidade, 3 – guerreiros para defender a cidade de agressores e obrigar aqueles que não queiram obedecer às leis, 4 – homens ricos, 5 – sacerdotes para oferecer os sacrifícios, 6 – juízes.

E a partir dela é que ele fará ao longo uma centena de capítulos, traçar paralelos entre diversas práticas entre várias civilizações e as sociedades indígenas, tal como as formas de educação das crianças, a qualidade das oferendas aos deuses, que eram mais valiosas que a dos povos clássicos gregos, as maneiras de arquitetura das pirâmides, equiparáveis às egípcias.

O elemento comparativo e a concepção dos elementos de cultura também são semelhantes, de certa maneira, àquela empregada pelos primeiros antropólogos cientistas, inclusive, a pretensão de comparação a outros povos; este elemento não quer dizer que há povos mais desenvolvidos que outros, mas tem claro que existe uma separação entre civilizados e bárbaros, como uma espécie de infância da humanidade:

De estos ejemplos antiguos y modernos claramente parece no haber naciones en el mundo, por rudas e incultas, silvestres o bárbaras, groseras, fieras o bravas y casi brutales que sean, que no puedan ser persuadidas, traídas y reducidas a toda buena orden y policía y hacerse domésticas, mansas, tratables, si usare de industria y de arte y se llevare del aquel camino que es proprio y natural a los hombres, mayormente (conviene a saber) por amor y mansedumbre, suavidad y alegría y se pretende solo aqueste fin. (LAS CASAS, 1556, cap. XLVIII.)

A política interna das etnias indígenas com quem frei Bartolomeu teve também foram por ele observadas. Suas obras não mostram de fato este elemento da vida nativa, mas de certo também foi analisada por ele. Suas propostas para uma maneira de colonização americana que não dispusesse de escravidão ou anúncio bárbaro do modo de vida espanhol mostram tal disposição. O projeto de colonização

colaborativo, pensado para *Cumaná* e executado em partes, leva em conta líderes indígenas como legítimos e capazes de governo.

Por fim, Las Casas carrega consigo a preocupação do fim destas civilizações, por causa do genocídio ali empregado, e demonstra sua preocupação na "Brevíssima Relação da destruição das Índias": "*Para la felicidad temporal y eterna de todos los numerosos pueblos del Nuevo Mundo, si no fueran destruídos antes que esa "Historia" sea terminada*". (LAS CASAS, 2008, p. 18)

### **Uma nova civilização**

Tanto Nóbrega quanto Las Casas estão convencidos da via cristã para a realização da plenitude da humanidade, ainda que com os diferentes matizes já mencionados: Las Casas tem o indígena como autônomo enquanto Nóbrega precisa lapidá-lo com a civilização, pois ainda estaria bruto. Ou seja, era necessário evangelizar o indígena. Civilizá-lo também era ponto em comum, mas diferiam nas suas práticas.

Frei Bartolomeu fez duas experiências na tentativa de fundar um novo modelo de colonização de maneira adversa à que havia sido empregada pela Coroa espanhola até então. Primeiro, tentou uma comunidade agrária colaborativa entre colonos e indígenas em Cumaná (atual Venezuela), onde o projeto não excluiria os nativos, mas os integraria na atividade agrária. Losada levanta os pontos cardeais do projeto lascasiano: sociedade dividida na "família rústica" de Tomas More, com "pai de família" espanhol, de família honrada, com autorização para levar um indígena ou um casal de escravos casados, com administração municipal (prefeitura de anciãos cristãos e um indígena, antigo cacique), indulgência papal para crimes reparados com restituição, uma missão longa e, o mais curioso, uma regulamentação para os casamentos que:

[...] preconizaba el matrimonio entre españoles e indígenas, lo que resultaría en la formación de una nueva familia independiente como recompensa inmediata. Si el esposo fuera un hombre indígena, podría convertirse en un "hombre de familia" con los mismos derechos que el inmigrante español de la Península; además, el esclavo del otro sexo que se casó con un hombre o mujer indígena se convertiría ipso facto en una persona libre. (LOSADA, 1970, p. 130-134)

É notável o progresso do projeto imaginado por Las Casas, ainda que com as ressalvas atuais para a escravidão de outrem. Porém, tal projeto foi reformulado, centralizando as famílias em feitorias fortificadas e o convite aos indígenas seria feito com restituição por perdas e por promessa de paz, com a contrapartida de tornarem-se súditos de El-Rey, pagando impostos como qualquer outro cidadão. O plano foi um fracasso, já que colonos cobiçosos invadiram o projeto e a morte de alguns frades dominicanos por indígenas como vingança levaram à repressão do Estado contra os indígenas, que foi impiedosa, assim como uma posterior chacina dos frades por parte dos indígenas.

Apesar do primeiro fracasso, anos mais tarde frei Bartolomeu entra na complicada e perigosa *Tierra de Guerras* junto com frei Luis Cancer e convence os indígenas contra sua belicosidade, usando da diplomacia, oferecendo a promessa de que, se os indígenas aceitassem o domínio de El-Rey, teriam suas terras intocáveis para qualquer colono por dez anos, além de não serem passíveis de eles não serem capturados para a *encomienda*. Como apontou Losada, "Os caciques aqui descomendados recuperam todas as suas prerrogativas, se bem que estão amparados sob o manto imperial de Carlos V, na qualidade de imperador sobre muitos reis". (LOSADA. 1970, p. 215) Foi este sucesso o fato determinante para a promulgação das *Leyes Nuevas*, em 1542. O sucesso de Las Casas é resultado do abandono do perfil da colonização pacífica por meio do evangelismo para a diplomacia.

Nóbrega empreende outras táticas para a integração do indígena na área da colonização lusitana. Seus colégios, que serão o centro gravitacional deste projeto civilizacional, como o caso do colégio em São Vicente e o colégio da Bahia. Com a posterior adesão à política da guerra santa, as práticas se multiplicaram, fortalecendo o jugo dos bandeirantes sobre os nativos. Claro, a escravidão indígena era uma instituição na sociedade colonial portuguesa, mas os padres jesuítas, como já foi mencionado, pretendiam a evangelização destes, não a escravidão.

Havia outros métodos: os aldeamentos, que eram "sítios de moradia de indivíduos de uma ou de várias tribos, compulsoriamente deslocados, misturados, assentados e enquadrados por autoridades do governo metropolitano" (ALENCASTRO, 2000, p. 119); os cativeiros, que eram os indígenas capturados sob a

dinâmica da guerra justa, escravizados pelo resto da vida; os resgates, que parecem ter sido o primeiro molde de cativeiro do nativo, em que alguém era salvo por meio da troca de um índio cativo por outro da tribo.

Nóbrega está plasmado pelo ideal militar de preenchimento dos espaços vazios de Deus, pois “esta terra é nossa empresa, e o mais Gentio do mundo”. (NÓBREGA.1988, p. 82) Sua espiritualidade barroca preza muito pela manifestação sentimental (teatral) da via espiritual, com procissões, mortificações públicas e assídua frequência aos sacramentos, especialmente a Reconciliação e a Eucaristia. Esse sentimento militar dos inacianos será a marca dos aldeamentos impostos aos povos nativos.

O avanço das populações lusitanas sobre a costa americana não foi pacífico, pelo contrário foi responsável pela dizimação das populações litorâneas. Logo, percebe-se a não ação ostensiva dos jesuítas na colônia portuguesa, suas missões eram localizadas e havia necessidade de obter uma autorização real para as atividades missionárias, assim como aconteceu com os franciscanos que atuaram no Maranhão.

Segundo Alencastro, tal expansão encontrou grande resistência por parte de outros povos tupis e jês e estes, junto com os potiguares, tiveram grande notoriedade por seus assaltos sangrentos aos engenhos. (ALENCASTRO. 2000, p. 122) Logo, a solução foi trazida pelo reitor, pe. Luís da Fonseca:

Nem soíam ser vistos enquanto a fralda do mar esteve povoada com quem os moradores tinham paz e faziam suas fazendas. E por despovoarem, vieram estes que agora destroem a terra[...] não há outro remédio se não trazer outros índios contrários destes e amigos dos moradores. (ALENCASTRO. 2000, p. 122)

Daqui compreende-se o porquê dos aldeamentos e cativeiros de indígenas serem postos às margens das cidades: serviam para proteção dos colonos contra os indígenas. A carta do Superior dos jesuítas, em 1592, mostra que tal mentalidade se espalhou:

O único remédio deste Estado é haver muito gentio de paz posto em aldeias ao redor dos engenhos e fazendas, porque com isso haverá quem sirva e quem resista aos inimigos, assim franceses e ingleses,

como aimorés, que tanto mal têm feito e vão fazendo, e quem ponha freio aos negros da Guiné que são muitos e de só os índios se temem. [sic] (ALENCASTRO. 2000, p. 123)

Contudo, apesar dos conflitos travados na Bahia, foram os jesuítas a fazer o papel diplomático entre os Tamoyos e os colonos, assim como o caso particular de Nóbrega em favor do Carijós.

A educação era o carro chefe do projeto de Nóbrega, parecendo querer uma civilização do indígena por meio do exemplo entre iguais. Não à toa, os líderes indígenas enviavam um ou mais jovens homens para serem educados segundo o método jesuíta. São os casos relatados pelo próprio pe. Manoel:

Eu tinha dous meninos da terra para mandar a Vossa Reverendíssima, os quaes serão muito para a Companhia; sabem bem lêr e escrever, e cantar, e são cá pregadores, e não há cá mais que aprender, e mandava-os para aprenderem lá virtudes um anno e algum pouco de latim, para se ordenarem como tiverem idade, e folgará muito El-Rei muito de os vêr, por serem primícias desta terra. (NÓBREGA, 1988, p. 131)

Nesta capitania de S. Vicente o padre Leonardo Nunes fez o mesmo, ajuntou muitos meninos desta terrado Gentio, que se doutrinavam nesta casa, e estavam de mistura com alguns Irmãos, que elle recolheu nesta terra[...] foi me forçado, des que á esta capitania vim, a passar os meninos a uma povoação de seus paes, donde era a maior parte delles, e com elles passei alguns Irmãos e fizemos casa e igreja[...]Esta casa servia de doutrinar os filhos e os paes e mães, e outros alguns[...] daqui se visitam outros logares do Gentio, que estão ao redor. (NÓBREGA, 1988, 153)

A proposta de Nóbrega parecia carregar o desejo de que houvesse pregadores e anunciadores autóctones, que reduziria muito a necessidade de enviar novos missionários portugueses. Essa perspectiva poderia sanar muitos dos problemas que Nóbrega constantemente denunciava, além de estabelecer as bases para instalação de uma igreja que fosse o centro emanador da civilização, um sonho tipicamente barroco.

## Conclusão

O ideal de Cristandade que foi cindido, que marcava profundamente o ideal de Las Casas e Nóbrega por causa da Reforma e da descoberta de novas terras, pretendia expandir a mensagem do Evangelho e com toda prioridade sobre qualquer projeto de civilização, ainda que aqueles elementos sejam complementares. Seu maior afã era trazer as almas que estariam perdidas na gentildade para Cristo, a fim de salvá-las e tal tarefa seria concretizada pela inserção nos costumes da Europa Ibérica. Contudo, o ideal de Las Casas pode ser associado à obra *Utopia*, de Thomas More já que a semelhança entre seu projeto e a obra política do anglo-saxão são muito semelhantes.

Se Las Casas e Nóbrega defendiam a liberdade indígena, um se punha como arauto da justiça porque exigia reparação, enquanto o outro se conteve em ser um soldado do *status quo*, já que o faz pelos meios que lhe estavam disponíveis. Las Casas era um utópico, enquanto Nóbrega era pragmático.

Seus ideais primordialmente centrados nos padrões da Cristandade ibérica não pensavam o problema da repressão cultural que se impunha sobre os nativos. Ainda que o estereótipo de barbarismo fora aplicado aos indígenas pelos dois missionários, ele foi encarado de duas diferentes maneiras de interpretação: Las Casas tinha o barbarismo como característica de quem estava fora das normas sociais europeias; Nóbrega tinha o indígena como um humano bestializado, esquecido de Deus e ludibriado pelo Demônio, incorrendo nos casos de antropofagia e incesto, algo abominável para a cultura do padre lusitano.

O silenciamento das vozes de quem eles pretendiam defender é também algo a se notar, entretanto, seria um desonesto anacronismo com os autores, dados os progressos dos quais nos apoiamos, desconsiderando que ambos lograram para a luta de direitos para esses povos que estavam sendo colonizados e massacrados. Nóbrega seguiu passos controversos sobre a liberdade dos indígenas, enquanto Las Casas levantou o tema do direito dos povos, além de alimentar a discussão sobre o Direito Internacional, com o germe lançado por Vitória.

O Estado não os ouviu plenamente pois as práticas de massacre e escravidão foram perpetuadas, resultando no maior genocídio da história; é notável que eles

tenham sido silenciados, posteriormente, inclusive pelos estudiosos e defensores das causas indigenistas, silêncio este que começa a ser superado.

Contudo, revisitar suas produções é necessário para que se possa pensar também as práticas que foram e são pensadas no que tange o contato interétnico e as políticas a serem pensadas para o presente, garantindo-lhes os direitos que lhes são historicamente negados além de iluminar os modelos de interações, de trocas e de diálogos com os povos originários.

### Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes - Formação do Brasil no Atlântico Sul**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRUIT, Héctor Hernan. **Bratolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista hispânica da América**. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Iluminuras Ltda. 1995

CORDIVIOLA, Alfredo Adolfo; RODRIGUES, **Juan Pablo Martín. Bartolomé de las Casas: a pena contra a espada**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: < <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7816>>. Acesso em: 7 jun 2019.

HANKE, Lewis. **Bartolomé de Las Casas. Pensador político, Historiador, Antropólogo**. La Habana: Ucar Garcia. 1949.

JOSAPHAT, OP, Frei Carlos. **Las Casas: todos os direitos para todos**. São Paulo: Edições Loyola. 2000

LAS CASAS, OP, Bartolomé. **O Paraíso destruído: a sangrenta história da conquista da América Espanhola**. Coleção Descobertas. 2ª ed. Porto Alegre: LP&M, 2008

\_\_\_\_\_. **Do único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião**. São Paulo: Paulus. 2004

\_\_\_\_\_. **Apologetica historia**. [S.l.]: Fundación el Libro Total. 1556. Disponível em: <[http://www.ellibrototal.com/ltotal/newltotal/?t=1&d=4072\\_4167\\_1\\_1\\_4072](http://www.ellibrototal.com/ltotal/newltotal/?t=1&d=4072_4167_1_1_4072)>. Acesso em: 19/12/2016.

LEITE, SJ, Serafim. **Novas cartas jesuíticas: de Nóbrega a Vieira**. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5ª, Coleção Brasiliana; v. 194. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940

LOSADA, Angel. **Fray Bartolomé de Las Casas a la luz de la moderna crítica histórica**. Madrid: Editorial Tecnos. 1970.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; NETO, Alexandre Shigunov. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educar**. v. 1, n. 31. pg 169-189,

Curitiba: Editora UFPR. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a11.pdf>> . Acessado em: 2/6/2019.

NEVES, Luis Felipe Baêta. **O Combate dos Soldados de Cristo nas Terra dos Papagaios: Colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1978.

NÓBREGA, SJ, Manoel da. **Cartas do Brasil: 1549-1560**. Coleção Reconquistando o Brasil. Série 2ª. v. 147. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda. 1988

SILVA, Cristhian Teófilo da. Relatos de um certo ocidente: o indigenismo como orientalismo à americana. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 12-28, jan./jun. 2009. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9594/1/ARTIGO\\_RelatosCertoOcidente.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9594/1/ARTIGO_RelatosCertoOcidente.pdf)> Acesso em 07 jun 2019.

SILVA, Lucas Duarte. A Escola de Salamanca: entre o medievo e a modernidade. **Seara Filosófica**. v. 1. n. 6, inverno, 2013. Pg. 76-84. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/searafilosofica/article/view/2566/2359>>. Acesso em: 20/6/2019.

SOUZA, Itamar. **Bartolomeu de Las Casas: Um contestador da colonização espanhola na América**. Brasília: Rumos. 1994.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2010.

**Recebido em:** 08/10/2020

**Aprovado em:** 20/11/2020